

Moda e gênero em vieses históricos: discussões emergentes e inesgotáveis

Maria Cláudia Bonadio¹

<https://orcid.org/0000-0001-9704-9780>

Valéria Faria dos Santos Tessari²

<https://orcid.org/0000-0002-7959-909X>

Há domínios, como o das artes visuais, onde mulheres lutaram/lutam para serem inseridas nos cânones e reconhecidas como artistas (Carneiro e Mesquita, 2019). E há aqueles, como o da moda ocidental, nos quais a presença das mulheres foi historicamente naturalizada, cristalizada, tanto como consumidoras, quanto como atuantes nos trabalhos de agulhas, em grande medida, em postos menos reconhecidos.

A maior parte da historiografia da moda contribuiu para essa naturalização, falando explícita e recorrentemente sobre moda e mulheres. No entanto, sendo gênero uma categoria relacional e hierarquizadora (Scott, 1995), ao enfatizar uma associação naturalizada entre mulheres e moda, afirma-se, ao mesmo tempo, uma desconexão natural entre os homens e o tema.

Essa situação historiográfica vem sendo transformada há algumas décadas no Brasil e no mundo por uma extensa quantidade de estudos que passaram a investigar as relações entre moda e gêneros, rompendo com a heteronormatividade e explicitando modos muito mais diversos de vestir e de produzir os corpos, ampliando os olhares sobre como a moda foi/é utilizada na construção de aparências, identidades, modos de viver e de conviver em sociabilidades.

Inserido nestas abordagens mais recentes está o dossiê “Moda e gênero: uma perspectiva histórica”, organizado pelas doutoras pesquisadoras Maria Cláudia Bonadio (UFJF), Valéria Faria dos Santos Tessari e Carina Borges Rufino, com a finalidade de agregar em uma publicação na dObra[s] estudos que pesquisadoras vêm produzindo sobre o tema. A primeira parte do dossiê foi publicada na dObra[s] 41, de agosto/2024 e, na presente edição, apresentamos o segundo conjunto de textos, formado por 11 artigos agrupados em dois subtemas: “História das mulheres: práticas e representações” e “Moda, corpos e artefatos”.

A necessidade da divisão em duas partes ocorreu em razão do grande número de artigos que abordam o tema a partir de diferentes vieses. Ou seja, as discussões sobre moda

¹ Doutora em História pela Unicamp e docente da Universidade Federal de Juiz de Fora. Autora dos livros *Moda e sociabilidade* (2007), *Moda e publicidade* (2014) e editora-chefe da dObra[s] entre 2015 e 2024. E-mail: mariacbonadio@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3920027222039096>.

² Doutora em Design (UFPR). Editora da revista dObra[s]. E-mail: tessari.valeria@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4229358939832461>.

e gênero demonstram um fôlego nítido, tanto pela quantidade, quanto pela qualidade de artigos recebidos, que precisaram ser divididos em duas publicações.

No item “História das mulheres: práticas e representações”, somos transportados para tempos e espaços distintos, como a Hungria medieval em “Gênero, moda e santidade: reflexões a partir das representações textuais e imagéticas medievais de Elisabeth da Hungria”, de Thaiana Gomes Vieira e Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. Neste artigo, as autoras analisam representações iconográficas da mulher canonizada, e identificam diretrizes de gênero e elementos de moda e gênero na construção das suas imagens como santa e como exemplo a ser seguido.

A seguir, Felipe Goebel nos conduz à Paris, e expõe as contendas entre “Costureiras e comerciantes de modas: disputas pelo direito de vestir mulheres na Paris do século XVIII”. O autor explicita os conflitos enfrentados por mulheres para serem reconhecidas como profissionais produtoras e comerciantes de roupas nos centros urbanos, o que acabou tendo parte na reorganização de identidades sociais de gênero que estava em curso na sociedade francesa à época.

Partindo para histórias recriadas para as telas, Bruna Aucar, Olga Bom e Tatiana Siciliano analisam vestimentas na Inglaterra da virada dos séculos XVIII para o XIX, na produção “Leis suntuárias, vestimentas e regulações sociais femininas na série Rainha Charlotte”. As autoras propõem uma reflexão sobre o uso das vestimentas como forma de manutenção de hierarquias e poderes na Inglaterra setecentista, especialmente no que diz respeito a restringir os lugares sociais permitidos às mulheres.

O lugar social determinado como feminino são também o cenário em “Costura e escrita na poesia de Emily Dickinson”, onde Natalia Helena Wiechmann realiza uma análise literária de dois poemas da poeta estadunidense que viveu entre 1830 e 1886. Rastreamos menções aos trabalhos domésticos de agulha e, portanto, femininos, a autora deseja encontrar nos poemas pistas sobre os costumes, os aspectos sociais e os modos de vida de mulheres do século XIX, e ressaltar que Emily Dickinson, literariamente, dá novos sentidos à domesticidade, revestindo mulheres de potência e valor.

A prosa e a poesia também são a matéria para o artigo “As aparências no sertão do Seridó: entre tapuias e cristãos, a moça bonita a banhar-se no poço (Rio Grande do Norte, séculos XVII-XIX)”, de João Quintino de Medeiros Filho. O autor investiga o vestir como prática cultural, para compreender como identidades masculinas e femininas foram forjadas cotidianamente, por meio de normatizações construídas naquela sociedade patriarcal.

Os dois artigos que fecham este subtema reconstróem, a partir da imprensa da época, histórias da moda nas cidades do Rio de Janeiro e Curitiba sob dois vieses distintos. Laura Junqueira de Mello Reis e Laís Paiva da Ressureição, em “Histórias entrelaçadas: modistas no mercado da moda fluminense (RJ, 1840)”, privilegiam a expansão do trabalho das modistas na cidade oitocentista, suas práticas comerciais, clientela e a conquista de sua autonomia financeira. Já no artigo “Louvre curitibano: gênero, consumo de moda e sociabilidades femininas na cidade modernizada”, Valéria Faria dos Santos Tessari aponta como o consumo de moda na Curitiba dos anos 1930 e 1940 serviu como mediador entre as mulheres burguesas e os espaços públicos, tendo sido utilizado como estratégia para que elas pudessem circular com legitimidade pela cidade e vivenciar sociabilidades modernas e urbanas.

No segundo tópico “Moda, corpos e artefatos”, apresentamos o texto de Elizabeth Kutesko, “*Fashion on the Frontier: Masculinity, Migration and Modernities in the Brazilian Amazon*”, no qual a autora explora registros do vestuário masculino nas fotografias que documentaram a construção da ferrovia Madeira-Mamoré no início do século XX. Kutesko investiga como os sujeitos utilizaram as roupas para constituir suas identidades naquele lugar hostil, permeado por questões sobre colonialismo, neocolonialismo, trabalho manual e projetos globais do capitalismo industrial. O artigo original, que está em inglês, é seguido de uma versão em português intitulada “Moda na Fronteira: Masculinidade, Migração e Modernidades na Amazônia Brasileira”, traduzida por Bruno Furtado, a quem agradecemos a gentileza. A tradução permite que os estudos da historiadora alcancem também leitorias lusófonas que não dominam a língua inglesa, o que é importante, pois apesar de Kutesko já analisar há alguns anos a cultura visual e os vestires no Brasil, esse é o primeiro artigo publicado em língua portuguesa.

Ainda na modernidade do início do século XX, Priscila Nina reflete em “O século do uniforme: espartilho, padronização e individualização do corpo feminino” sobre os sentidos dos espartilhos femininos, as vozes críticas à prática, as conformações dos corpos e as transformações nas sensibilidades, que tensionaram o seu uso em favor de peças menos rígidas, em um longo processo de articulação entre ideias de padronização e individualização dos corpos femininos.

No último artigo, já localizado historicamente na metade do século XX, Ana Julia Melo Almeida nos apresenta “Corpos, artefatos e representações a partir do Primeiro Desfile da Moda Brasileira (IAC-MASP, 1952)”, onde explicita a iniciativa do MASP de constituir e difundir práticas modernas, o que incluiu a moda, em evento produzido por e endereçado às mulheres.

Encerrando o dossiê, apresentamos a seção **Costuras**, que traz uma muito bem-vinda tradução do texto “A Filosofia das Roupas” de Oscar Wilde, 1885 – até então inédito em português –, realizada por Mariana Rodrigues Christina de Faria Tavares, a convite de Maria Cláudia Bonadio, que faz uma introdução analítica do texto no ensaio intitulado “A ‘Filosofia das Roupas’ de Oscar Wilde e o esteticismo”, no qual destaca as ideias de Wilde sobre as transformações que estavam em curso no vestuário feminino. A tradução e os tópicos abordados na apresentação da mesma, trazem novo fôlego para o estudo de Wilde e sua produção em relação à moda em língua portuguesa.

Nesta segunda parte do dossiê, temos o prazer de poder contar novamente com os ensaios produzidos, e em parte protagonizados, por Maia Maria Pereira, mulher trans, empreendedora de moda, graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). As imagens estão em diálogo direto com o tema abordado, ampliando as leituras possíveis e provocando reflexões. Os ensaios completos podem ser vistos na seção Galeria, acompanhados de fichas técnicas com os devidos créditos.

Para finalizar, não podemos deixar de agradecer a colaboração generosa das pessoas que realizaram os pareceres, o trabalho atencioso da equipe editorial e a compreensão das autorias publicadas neste número, que concordaram em aguardar a segunda parte do dossiê.

Desejamos que a espera tenha valido à pena e que finalmente os artigos cheguem às mãos das leitoras, leitores e leitorias, para provocar inquietações, perguntas e, sobretudo, inspirações para a construção de um mundo social mais justo.

Referências

CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André. Ainda à procura dos jardins de nossas mães. In: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **História das mulheres, histórias feministas**. Vol. 2. Antologia. São Paulo: MASP, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero como uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. 20(2):71-99, jul./dez. 1995.